



Open Access Repository

www.ssoar.info

Sociologia e poesia marginal: desenvolvendo a imaginação sociológica no ensino de sociologia para o ensino médio

Amaral, Gabriel Góes do; Lima, Janiara Almeida Pinheiro

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Amaral, G. G. d., & Lima, J. A. P. (2017). Sociologia e poesia marginal: desenvolvendo a imaginação sociológica no ensino de sociologia para o ensino médio. *Idealogando: revista de ciências sociais da UFPE*, 1(1), 4-18. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-57042-3>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY-NC Lizenz (Namensnennung-Nicht-kommerziell) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.de>

Terms of use:

This document is made available under a CC BY-NC Licence (Attribution-NonCommercial). For more information see: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>

SOCIOLOGIA E POESIA MARGINAL: desenvolvendo a imaginação sociológica no ensino de sociologia para o ensino médio

Gabriel Góes do AMARAL¹
Janiara Almeida Pinheiro LIMA²

RESUMO

O presente artigo objetiva e vivência a potencialidade pedagógica do uso da ‘poesia marginal’ nas aulas de Sociologia. O cronista urbano Miró da Muribeca foi escolhido para alicerçar este trabalho. Sua poesia, considerada pela crítica como ‘poesia marginal’, aborda temas e conceitos sociológicos além de vivências cotidianas comuns ao *habitus* dos estudantes. O uso desse tipo de poesia nas aulas de Sociologia funcionou como ferramenta didática que possibilitou a eclosão nos estudantes de um gosto maior pelas aulas associado a um entendimento maior dos conteúdos abordados por meio da parceria entre a escola e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da CAPES/CNPq. Sendo possível desenvolver neste caso específico, essas atividades e aproximar os docentes em formação do dia a dia da escola, permitindo uma conexão entre a Universidade e escola.

Palavras-Chave: Sociologia. Poesia. Ensino. Escola. Imaginação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se insere no contexto da experiência do PIBID – Sociologia Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem sua origem baseada nas observações das aulas de Sociologia e nas discussões realizadas entre bolsistas, a supervisora e a coordenadora PIBID – Sociologia da UFPE.

Desde janeiro de 2016, houve, durante o processo de planejamento das ações a serem implementadas na escola, a votação para o tema geral a ser abordado na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Aníbal Fernandes, escola da rede pública de ensino do estado de Pernambuco, localizada no bairro de Santo Amaro, em Recife-PE. A Instituição abriga um

¹ Graduando em Ciências Sociais. Bolsista do PIBID Sociologia CAPES/CNPq, UFPE. E-mail: gabrielgoes@gmail.com

² Docente da rede pública de ensino do Estado de Pernambuco e supervisora do PIBID Sociologia UFPE, CAPES/CNPq. E-mail: janiara8890@hotmail.com

quantitativo de estudantes pequeno, cuja maioria destes é oriunda da própria comunidade. Foram ofertados três temas: “Sociologia e Ensino”; “Sociologia e Juventude” e “Sociologia e Comunidade” e por ampla maioria dos votos dos bolsistas lotados na escola, o tema “Sociologia e Comunidade” foi eleito para ser trabalhado no primeiro semestre de 2016. Sendo assim, “A imaginação Sociológica da ‘poesia marginal’ no ensino de Sociologia para o Ensino Médio” refere-se ao subtema proposto que foi trabalhado especificamente com uma das turmas do 1º ano.

A partir da apresentação das concepções epistemológicas, o subtema focaria na concepção interacionista, construtivista e sistêmica como pressuposto do desenvolvimento do trabalho, evidenciando a compreensão sobre aprendizagem, conhecimento e relacionando-os por assim dizer com o uso da Transposição Didática; “Imaginação sociológica”; ‘Poesia Marginal’. Para tanto, a transposição didática apoiou-se nas percepções dos estudantes sobre o seu processo de aprender a ler assistindo, a partir do uso dessas poesias expressas em registros de papel e áudio visual.

Ao realizarmos uma busca na *internet* não encontramos nenhum projeto que abordasse na escola a ‘poesia marginal’ e que faz essa relação com os conceitos sócios antropológicos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s) e Orientações Curriculares Nacionais (OCN’s) de Sociologia para o Ensino Médio. Encontramos apenas projetos com viés na área de Literatura/Letras. Contudo, a referida busca foi de grande valia como mola propulsora para trabalharmos simultaneamente os pontos em que a Sociologia dialoga com a poesia experimental, dita como marginal. Assim, tomados pelo desafio de propor algo novo e instigador, foram escolhidas as poesias de Miró da Muribeca para serem estudadas nas aulas de Sociologia. Nossa hipótese era de que, as poesias escolhidas proporcionariam aos estudantes uma experiência diferente na apropriação dos conceitos referentes aos processos sociais, sobretudo dos problemas sociais.

A leitura alegórica da poesia de ‘Miró’, um dos principais expoentes da literatura marginal, propicia, de maneira instigante, uma compreensão da “*intersemiose*”, que confirma o enunciado do Professor de Literatura André Telles do Rosário, o corpo “[...] é ao mesmo tempo externo e interno à execução do poema, dessa forma o corpo, aqui, não é apenas mais um ‘acessório’ ou ‘uma forma de provocação’ e, sim, uma poesia ‘espetacularizada’, já que depende da apresentação do autor e da sua comunicação para que funcione nessas situações” (2015, p.19). Será, portanto, infinito o processo da produção de sentido.

Desse modo, o que se pretendeu almejar em sala de aula, trazendo as palavras de Candido (1976, p.17): não era “propor uma teoria sociológica da arte e da literatura, nem mesmo fazer uma contribuição original à sociologia de ambas; mas apenas focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária” do Cronista urbano Miró da Muribeca nos seus diferentes momentos. Ou seja, a capacidade do artista de engendrar a sua arte e com ela dialogar com o social fazendo usufruto do seu “artesanato intelectual”, reinventando a realidade social vivida pelas pessoas. Muitas vezes descritas como personagens que ele traz nos poemas, tendência da estética moderna em estudar como a obra de arte plasma o meio, pois, sabemos que não é fácil e, porquanto, existe todo um processo de sistematização cognitiva eminente, tanto para a arte como para o “meio social”.

Segundo Oliveira (2016, p.1), em seu artigo “*Imaginação Sociológica em Sala de Aula*”,

[...] a Sociologia – mesmo que ‘nadando contra a corrente’ – ainda é capaz de gerar nos estudantes uma “paixão” por seus métodos, conceitos e referências explicativas. Muito dessa “paixão” se deve à capacidade dos professores de incitar seus alunos a olhar o mundo pela perspectiva sociológica; a complexidade social que se revela aos estudantes através das “lentes” da sociologia os motiva a querer “desvendar” o mundo, estando relacionada àquilo que Wright Mills chamou de Imaginação Sociológica.

Dito isto, é possível observar através da leitura dos poemas de Miró e testemunhos presenciais a consolidação do seu trabalho corporal audível e fronteiro. Dessa forma, este artigo é relevante a partir deste ponto de vista, para trazer através da realidade retratada nas poesias, uma inquietação e estranhamento³ dos estudantes aos fenômenos sociais exibidos poeticamente, influenciando em seu poder argumentativo os ajudando a pensar

³ “Neste caso, o estranhamento significa um espanto diante de algo que não se conhece. Por achar estranho ou sentir-se incomodado diante do novo, ou por não se conformar com a realidade presenciada, o sujeito é incentivado a não se acomodar.” CARMO, 2014. p 45.

Em outro sentido podemos denotar também esse conceito "estranhamento" a algo bastante relevante na moderna teoria da literatura. Em entrevista concedida por e-mail no dia 23/08/2016, André Telles do Rosário, nos explica essa questão: “‘Ostranenie’, ‘estranhamento’ em russo, é um dos conceitos principais do Formalismo Russo, trata-se de um desvio na linguagem padrão que gera o efeito da arte. Foi com o Formalismo russo que os estudos literários passaram a se ocupar mais com o texto do que com a origem ou o contexto da obra. Diz-se que a partir dele a teoria ficou “immanentista”, isto é, atenta ao que está imanente no texto. Antes deles, os críticos literários consideram a crítica como “geneticista”, por buscar a origem (gênese) da obra literária. Para o Formalismo, o importante não é o que um poema diz, mas como um poema funciona. Eles veem a ‘literariedade’ como um desvio da linguagem cotidiana, um defletir que gera o estranhamento, que é o efeito que a ‘literariedade (ou literariedade)’ provoca nas pessoas. Houve muitas transformações depois do Formalismo na rede da teoria - mas eles são os fios condutores. Hoje há outras vertentes, muitas não imanentes, mas fenomenológicas e até contextuais ou genéticas (em um ‘eterno retorno’ à teoria do século XIX).”

sociologicamente. Portanto, o ponto central desse processo de imaginação sociológica nessa poesia é a força motriz que se encontra neste artigo.

Por conseguinte, ao conectar o site *youtube* é possível ter acesso a vários curtas-metragens, programas de televisão, documentários, etc, falando e abordando a temática ‘Poesia Marginal’, o que nos ajudou para análise dos dados. Optou-se também, por utilizar a análise de conteúdo, pois, como observa Bardin (2009, p. 33), “a análise de conteúdo é um conjunto de análise de técnicas de comunicações”. Nesse sentido, foi identificada que, dentre as práticas da análise de conteúdo, a que se apresenta mais ajustada aos objetivos do artigo é o audiovisual, pelo fato de se amalgamar com a declamação de um poema ele se torna intersemiótico, logo, podemos dizer em princípio com o polêmico poeta curitibano Paulo Leminski (1944-1989) que “aqui muitos/vários códigos interpenetram-se produzindo híbridos que são os mutantes da qualidade nova”; e que por meio da intersemiose, dialogam-se “outras linguagens, outros códigos, outros recursos, outros meios”(1997, p. 18).

E ainda na perspectiva, o conceito de Imaginação Sociológica de Charles Wrigth Mills, de acordo com o olhar de Oliveira (2016, p. 1)

A primeira conquista da imaginação sociológica é o entendimento de que os seres humanos só podem compreender sua existência e analisar seu futuro percebendo-se parte de um determinado contexto social. Assim, percebemos que nossas ações influenciam e são influenciadas pela dinâmica da sociedade; o que nos permite olhar além da restrita esfera da vida privada. Essa é a tarefa clássica da Sociologia, e é o que a imaginação sociológica promete: a capacidade de mudar de perspectiva, de estabelecer relações entre as diferentes esferas que compõem o humano e social.

Assim, diante da ideia supracitada a construção dos saberes sociológicos por meio do uso da ‘poesia marginal’ junto aos estudantes seguiu buscando incorporar tais elementos a seu fazer escolar e ao nosso fazer pedagógico.

A POESIA DE MIRÓ COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA DESENVOLVER A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

A ‘poesia marginal’ de Miró da Muribeca⁴ foi o tipo de poesia escolhida para ser abordadas com os trinta estudantes do 1º ano B, da EREM Aníbal Fernandes. Houve nesse ínterim três intervenções fragmentadas em sala, uma a cada semana por um bolsista. O que se

⁴ O tema ‘poesia marginal’ é polêmico. Embora Miró da Muribeca tenha se apropriado do rótulo ‘poeta marginal’, no entanto há algum tempo ele se auto-intitula como ‘cronista urbano’.

indaga é como a poesia faria sentido na aula de Sociologia, sem obter um caráter de improviso e sim de inovação?

Em primeiro lugar, é comum subestimar o gosto dos estudantes oriundos de comunidades carentes e/ou expostas a situações de vulnerabilidade social, partindo-se de um pré-conceito de que este é fruto de um capital cultural típico do que Jessé Souza (2009) classificou como ralé social. Segundo o levantamento feito por ele em seu livro “A ralé Brasileira”, cerca de 1/3 da população do Brasil vive em situação de grande precariedade e privação, o que inclui também a questão sociocultural dos indivíduos da dita ralé.

No entanto, ao apresentar a ‘poesia marginal’ aos estudantes, o elemento surpresa e a tentativa destes em entender o que a poesia tem a ver com a Sociologia, já os conectou com a proposta. A aula chamou a atenção dos mesmos a partir do momento em que foi dito que o tema seria Sociologia e Poesia. Assim, em concordância com a Imaginação Sociológica de W. Mills interpretada por Oliveira (2016, p.1):

O estudante que se apropria e interage com as análises da sociologia volta a se surpreender com a realidade, “estranha” o familiar e amplia seus questionamentos, fazendo-o refletir a partir de novos pressupostos. A imaginação sociológica é capaz de tirá-lo da apatia e engajá-lo nas questões públicas. Pois, o faz perceber que – não raramente – suas “perturbações” individuais são compartilhadas por outros tantos indivíduos por serem produtos das relações e estruturas sociais.

Deste modo, foram consideradas como pontos de partida para introdução das aulas, a retomada de alguns assuntos tratados anteriormente pela professora/supervisora, como por exemplo: “indivíduo/sociedade”; “Processos sociais”; “problemas sociais e comunicação”. Como afirma Masschelein e Simons (2014, p. 55), esses resumos de aulas anteriores trazem à mente dos estudantes de “volta para o momento de sua composição – e são, normalmente, difíceis de decifrar para os alunos que perderam a própria aula. Esses instrumentos são, assim – por enquanto -, parte do que nós gostaríamos de chamar de tecnologia escolar.” Por isso, é preciso fazer esse exercício abstrato para situá-los no espaço e no tempo para dá um nuance de sincronização do objeto de estudo que estávamos propondo apresentar aos estudantes.

Destarte, abordamos o principal desafio da Sociologia da Literatura, ramo da Sociologia da Arte, que é fixar e sistematizar incorporando as teorias sociológica e literária ao contexto social, político, ético e econômico em que o autor da obra está inserido. Para isso, a discussão acerca da tecnologia das coisas tem encurtado as barreiras para o entendimento teórico e vem trazendo para o cenário hodierno, teorias que foram criadas há muito tempo,

nesse sentido, fomos ao encontro de rearranjar a tentativa de contextualizar estes fenômenos sociais com a realidade cotidiana dos estudantes.

Com isso discutimos o que é ‘poesia marginal’, primeiramente explicando aos estudantes o significado etimológico da palavra poesia, trazendo como referência Aristóteles. Frisamos que o termo vem do grego *poiesis*, sendo oriundo do verbo *poieîn*, que significa a capacidade produtiva do ser humano.⁵ Portanto, se há capacidade produtiva no ser humano, com permissão a licença poética e distante de uma totalidade, os seres humanos são poéticos. Contudo, como já dissemos acima, nosso objetivo aqui não é enveredar pela teoria literária, pouco nos adiantaria acompanhar as diversas nuances desse significado, que foram se transformando no decorrer do devir. O que nos interessa retratar agora é partir da premissa de que o conceito de poesia não se esgota. O estado de poesia pode ser produzido pela dança, pelo canto, pelo culto, pelas cerimônias e, evidentemente, pela aprendizagem. Na sequência explicamos a palavra ‘marginal’, conforme Glauco Mattoso expõe:

Veio emprestada das ciências sociais, onde era apenas um termo técnico para especificar o indivíduo que vive entre duas culturas em conflito, ou que, tendo se libertado de uma cultura, não se integrou de todo em outra, ficando à margem das duas. Cultura, no caso, não significa grau de conhecimento, e sim padrão de comportamento social. Foi esse sentido, de elemento não integrado, que passou da sociologia para o linguajar comum: um delinquente, um indigente, e mesmo qualquer representante de uma minoria discriminada foram classificados de marginais. Tudo que não se enquadrasse num padrão estabelecido ficou sendo marginal. (MATTOSO, 1982, p. 7-8)

Nesse sentido, Férrez explica que “A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo.” (FÉRREZ, 2005 apud ROSÁRIO, 2015, p. 89). Somando a isso, os conceitos desejados expostos em sala, provocamos os estudantes com perguntas retóricas de modo a instigá-los a contribuir com o debate em sala, sendo assim, os indagamos com a pergunta “o que é marginal?”. Alguns responderam que são “trombadinhas”, “ladrões”, etc. O estudante Antônio do 1º ano B completou: “- é aquele que está à margem do rio”. Na lógica de que o conhecimento se ajusta a partir do outro. Desse modo, o valor dado aos saberes prévios dos

⁵ Rodrigo Duarte, *A Arte*, WMF Martins Fontes, 2012, p. 18.

estudantes ajudaria o processo de ressignificação do termo marginal e também possibilitaria uma construção visual sendo estabelecida através do contato com o outro.⁶

Contribuímos com a fala dos estudantes dizendo que, a palavra ‘marginal’ não necessariamente remete a “trombadinhas” e a “ladrões”. Para ampliar o campo de visão da discussão, dissemos que são também pessoas que vivem “de bicos” como: flanelinhas, e limpadores de vidro que ganham seu sustento nos semáforos das avenidas, sendo, de fato aqueles que estão à margem da sociedade, aquém de uma cultura dominante que estabelece a moral, os costumes, os gostos de classe e a estilização da vida; “o resto”, “a sobra”, é dito como marginal.

Voltando para o roteiro da aula, a terceira ação foi ler atentamente e em conjunto um ‘poema marginal’ do cronista urbano Miró. Para isso entregamos a todos os estudantes uma cópia dessa poesia escrita e o estudante Alex, da mesma série (1º ano B) se prontificou previamente para ler em voz alta na sala:

...E ainda nos chamam de vagabundos

“Quatro séculos de seca / Quatro séculos de orações / pra São José / Quatro séculos de promessas / e de cestas básicas / e uma tonelada de nada! / O país todo comovido / A televisão derrama lágrimas. / E a água? / E a sede de outras coisas? / Quatro séculos de solidão / e os pés rachados de tanto / tentar a vida na cidade de São Paulo / deixa claro, / que o problema do nordeste / não é a falta de água / É a falta / de vergonha na cara.”⁷

A partir da leitura do poema, discutimos a abordagem do mesmo que traz à tona várias temáticas do cotidiano, tais como “a sede”, “a fome”, “a falta de vontade dos políticos”, e “a dominação religiosa”. Todos esses questionamentos que um poema trás foram discutidos. Miró escreve poesia como crônica, é o que Professor de Sociologia Paulo Marcondes Soares intitula de “poema de circunstância”, poesia do dia-a-dia, denunciando o cotidiano.⁸ Assim como H. Becker diz que, “A poesia baseia-se em grande medida nos efeitos de associação e de evocação utilizados tanto no discurso corrente, como no literário.” (2010, p.

⁶ CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura Visual e Infância. **31 Reunião da ANPED**, na mesa Cultura visual, gênero, educação e arte, out. 2008 Caxambu (MG), p. 128.

⁷ MIRÓ (Pseudo). SILVA, João Flávio Cordeiro. 2013: 145.

⁸ Entrevista ao Professor em 31/05/2016 no CFCH-UFPE, sala 24, às 17h.

61).Contextualizando um pouco, Miró vivia em São Paulo na década de 1990, momento em que este poema crônico supracitado acima foi posteriormente escrito em Fortaleza. Retrato de época tanto da vida vivida por ele quanto por um recorte histórico conhecido por todos: Brasil um país católico desde a sua certidão de idade, marcado por secas no Nordeste que ninguém resolve por se tratar de um problema ecológico, gerando assim uma crise hídrica, cuja moralidade política é prometer e não cumprir com o discurso dito. Existem ainda outros fortes elementos que podem ajudar a reconstrução dos fenômenos sociais da época em que foi composto o poema (1999), tais como a dramatização da falta de água e da fome nos telejornais, gerando assim uma comoção na sociedade que assiste corriqueiramente essas notícias: êxodo rural na população nordestina; retirantes das secas tentando a vida na cidade grande. Enfim, a análise do poema produzido no passado se ateve na incessante busca da compreensão da sociedade da época, compreendê-la também em si mesma e com o objetivo de realizar comparações com a sociedade atual.⁹

O poeta França de Olinda diz que Miró faz poemas crônicos¹⁰, o que poderíamos chamar da miscelânea urbana, dos acontecimentos na cidade, usando uma visão panorâmica caleidoscópica da imaginação sociológica propriamente dele. Para pensar isso, a imaginação como característica constitutiva da subjetividade moderna, relacionamos com o capítulo 1 “Aqui e agora” do livro “Dimensões culturais da globalização” de Appadurai:

A imaginação, pelo contrário, tem em si um sentido projetivo, o sentido de ser o prelúdio a um qualquer modo de expressão, seja estético ou outro. A fantasia pode dispersar (porque a sua lógica é muitas vezes autotélica), mas a imaginação, especialmente quando coletiva, pode tornar-se carburante da ação. É a imaginação, nas suas formas coletivas, que cria ideias de comunidade de bairro e de nação, de economias morais e governos injustos, de salários mais altos e perspectivas de trabalho estrangeiro. A imaginação é hoje um palco para a ação e não apenas para a evasão. (1996, p. 19-20)

Dessa forma, a sala de aula como espaço coletivo não permite que a liberdade individual do sujeito que pensa e avalia predomine por si só, até porque os estudantes estão no processo de serem formados e o “*Inter-esse* (algo que não é nossa propriedade mas que é

⁹ A Professora Guiomar Namó de Mello traz o significado de contextualizar em um de seus artigos: “Etimologicamente, contextualizar significa enraizar uma referência em um texto, de onde fora extraída, e longe do qual perde parte substancial de seu significado. Contextualizar, portanto, é uma estratégia fundamental para a construção de significações. Se pensarmos a informação ou o conhecimento como uma referência ou parte de um texto maior, podemos entender o sentido da contextualização: (re)enraizar o conhecimento ao ‘texto’ original do qual foi extraído ou a qualquer outro contexto que lhe empreste significado.”

¹⁰ Entrevista ao Poeta França de Olinda que está no documentário, “Miró: Preto, Pobre, Poeta e Periférico (2008)” de Wilson Freire.

compartilhado entre nós)” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 50), é de suma importância para a imaginação coletiva o que cada um pensa e exterioriza na sala de aula, formando assim um conjunto de ideias que serão dialogadas.

E assim, através da imaginação coletiva vemos Miró ganhando capital econômico fazendo poema-objeto (poesia visual) em cartazes publicitários para uma farmácia em São Paulo, vendeu dois poemas por cinco mil reais cada um ao estabelecimento. São os poemas: “Saudade dói e não tem farmácia de plantão que resolva” e “Apesar dos efeitos colaterais o amor ainda é o melhor remédio”. Isto é, como lembra bem Oliver Sachs (2002), no filme *Janela da Alma*, ao falar do espaço de criação: “o ato de ver, de olhar, não é só olhar fora para o que é visível, mas olhar também para o invisível, de certa forma, é isso que quer dizer a imaginação.” E Miró engendra seus poemas com maestria e grande capacidade inventiva.

Para além de uma abordagem interacionista, construtivista e didática, planejamos a posteriori passar em sala uma película de 13 minutos produzida pela tvgamera.com¹¹, mais especificamente um vídeo entrevistando o cronista Miró no centro da cidade do Recife. Nele recita vários poemas, fala um pouco da sua biografia e conta como se tornou escritor.

A ideia precípua em mostrar esse vídeo para a turma foi apresentar Miró através de filmagem para que os estudantes o conheçam visualmente. Acreditamos que “a arte de tornar algo conhecido; é a arte de fazer algo existir, a arte de dar autoridade a um pensamento, um número, uma letra, um gesto, um movimento ou uma ação e, nesse sentido, ela traz esse algo para a vida.” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 135). Portanto, o sentido não ‘emana’ das imagens, mas dos diálogos produzidos entre elas e as pessoas, sendo assim nada melhor do que os estudantes assistirem um vídeo de Miró sendo entrevistado para que eles consigam dar sentido a aula expositiva.

A ANÁLISE DE POEMAS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: FOMENTO E DIVERGÊNCIAS

A indicação de uso de poemas em sala de aula não é presente em orientações curriculares nas aulas de Sociologia, nem tampouco fomentada em discussões como recurso didático pedagógico para essas aulas. A possibilidade de se haver tal tipo de abordagem veio emprestada das aulas de Sociologia da Literatura ministradas em Universidade. A

¹¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GDHVCiSppsA>> Acesso em: 09 maio 2016.

preocupação se ateve em transformar esses ‘saberes eruditos’ em ‘saberes escolares’ para que os estudantes saibam ler/interpretar pensando sociologicamente a forma extrínseca do poema. O problema disso tudo, conforme Bodart nos adverte, é que a maioria dos professores de Sociologia do Ensino Médio não possui total domínio do método de análise sociológica por não ser formado em Ciências Sociais, o que, em parte, é resultante do fato de que a maioria dos professores de Sociologia não possui formação específica na área (BODART, 2012). Na ausência de uma clareza da especificidade da abordagem sociológica, corre-se o risco de ministrar uma aula não-sociológica (BODART, 2012).

Contudo, durante as abordagens que elencaram a poesia como ferramenta para entendimento dos saberes sociológicos, houve todo um cuidado em elucidar tais saberes a fim de demonstrar aos estudantes que a Sociologia está presente/expressa de várias maneiras na sociedade, e que a ‘poesia marginal’ de Miró é uma forma de expressar os conteúdos e temas como propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Mas mesmo assim é preciso ter cautela, amalgamar áreas de conhecimentos distintos pode tornar o terreno movediço no que tange ao entendimento sociológico por parte dos estudantes e o educador. Pode ocorrer que este esteja a pensar que está lecionando Sociologia apenas pela criticidade do olhar, quando na verdade esse critério por si só não configura uma aula de Sociologia. Por isso, faz-se necessário destacar a especificidade do conhecimento sociológico para que não ocorram perigos comuns como: usar produtos não elaborados por sociólogos transformando assim a aula em Literatura, História ou Geografia, distanciando-se de uma aula de Sociologia (BODART, 2012).

A preocupação elencada por Bodart (2012) quanto à prática docente da Sociologia é uma realidade na EREM Aníbal Fernandes, uma vez que a professora é licenciada em Geografia e leciona também Sociologia, como acontece na maioria das escolas estaduais e até mesmo nas particulares de Pernambuco. Assim, a parceria com o PIBID Sociologia da UFPE, tem proporcionado uma aprendizagem mútua e troca de saberes entre estudantes do curso de Ciências Sociais (com os saberes sociológicos) e a professora com a sua práxis docente e expertise em ministrar aulas. Assim, essa combinação tem possibilitado suprir lacunas nas aulas, bem como inovar com diferentes abordagens as aprendizagens de Sociologia na escola.

É notável o efeito desses bolsistas (PIBID) sobre as aulas e a aprendizagem recíproca entre a docente da escola e os discentes do PIBID. E, mais notável ainda é a impressão que tudo isso tem provocado nos estudantes da escola. O uso da ‘poesia marginal’ impactou no

interesse dos mesmos e os fizeram compreender melhor os conceitos de Sociologia, como processos sociais, problemas sociais e sociedade de forma a ter significado para os mesmos. Tanto que, o que expressaram na oficina de bricolagem foi nada mais nada menos do que reflexões sociológicas em forma de micro-poesia.

A OFICINA DE BRICOLAGEM

Como parte da metodologia utilizada para envolver os estudantes com a ‘poesia marginal’ de Miró da Muribeca, foi desenvolvida uma oficina de bricolagem.

Vários são os conceitos de bricolagem. Em sua origem francesa o termo faz referência a trabalhos executados pela própria pessoa em sua residência, o que coincide com o entendimento do termo nos Estados Unidos desde a década de 1950.

De acordo com Loddi & Martins,

A palavra bricolagem é originada do termo francês *bricolage*, que caracteriza especialmente o ato de operar com materiais fragmentários, adotando procedimentos que se desviam e se afastam da norma técnica, Neste sentido, o construtor *bricoleur* é aquele que trabalha com as próprias mãos, executando um trabalho sem projeto preconcebido, lidando diretamente com o acaso e o improviso, coletando e resignificando objetos.

Para Lévi-Strauss (1976, p.38), *bricoleur* “é o que trabalha com as mãos, usando meios indiretos se comparado com os do artista”.

Sobretudo, o sentido de bricolagem proposto com a oficina, junto ao primeiro ano B, na EREM Aníbal Fernandes, foi o de realizar a produção de textos curtos (poema pílula) e de autoria própria, mas conectados e inspirados pela poesia de Miró, seja na semelhança na forma de escrever, seja (re)utilizando palavras que este utiliza e dando novo sentido. Seria uma *imitatio* sem a *aemulatio*, isto é, imita-se o modelo, mas não o supera, porém inova no relacionar com as coisas. Ou simplesmente – o que realmente esperávamos e aconteceu – que o estudante, por meio de seu entendimento dos conteúdos de Sociologia, ratificados com a poesia, pudesse ter sua própria visão do contexto social em que está inserido, seja na comunidade, como na sociedade como um todo. Assim, a Imaginação Sociológica de W. Mills (2007) passou a fazer sentido e se materializou com a produção textual dos estudantes.

A tríade “imaginação sociológica”, “poesia” e “bricolagem” se concretizaram, vem à Sociologia nos ajudando a pensar com seus pressupostos a partir da Imaginação Sociológica (2007); chega à poesia com seu termo “a capacidade de produzir”, exemplificando a poética de Miró da Muribeca, e por fim, fica a bricolagem nos dizendo “faça você mesmo”. Percebemos por homologia a combinação desses três conceitos que se encaixaram bem, mas sabemos que cada um tem sua distinção dentro desse mesmo campo que, por conseguinte, são fulcrais para entender um ao outro, não podendo inferir a uma única compreensão por si só. Por isso, fazendo-se necessário a junção de ambos para realizar o trabalho da transposição didática, sendo ela também interacionista e construtivista.

Além disso, a oficina motivou a participação dos estudantes e deu um caráter mais dinâmico e desafiador à aula de Sociologia. Ao mesmo tempo em que instigou a produção de novos saberes, por meio de uma proposta de atividade simples, de fácil execução e altamente integradora dos estudantes com o professor em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito de desenvolver o projeto descrito teve como finalidade proporcionar uma experiência inovadora de aprendizagem em Sociologia. Ao trabalhar nessa seara percebemos o quanto o espaço social escolar é exíguo de exercícios criativos e imaginativos no que tange a poesia visual, ‘poesia marginal’. Percebemos que a experiência foi motivadora para os estudantes, uma vez que houve questionamentos de por que poesia na aula de Sociologia e o que isso tem a ver com a disciplina, levando-os a saírem de sua zona de conforto, tendo que lidar com o inesperado.

O despertar da curiosidade propiciou um cenário para um melhor entendimento dos conteúdos e da ideia “Imaginação Sociológica”. Por isso, ao valorizar a cultura local construindo um espaço de diálogo no espaço educativo, é em certa medida produzir com viés ousado e crítico sobre as imaginações sociológicas que encontramos. Ou seja, todas as produções imagéticas, da Sociologia da Arte às produções poéticas, fílmicas e entre outras, apresentam, (re)formulam cosmologias, visões de mundo, portanto, faz-se necessário entendê-las em seu meio social e circulação e nos perguntarmos: o que fazem gerar e gerir, e como nos afetam?

Este pensar sociologicamente proposto em sala de aula e vivenciado em etapas teve o propósito de ser atrativo e de provocar os estudantes um olhar mais atento e crítico/reflexivo da poesia, permitindo ler as provocações e reflexões que a mesma propõe e, neste caso, acerca da realidade social e cotidiana por meio da poesia de Miró da Muribeca.

Ao motivá-los a ler e também produzir seus próprios poemas a partir do seu local de fala, fez com que percebessem que é possível serem protagonistas de um engajamento social e que a criatividade de cada um pode ser expressa respeitando suas individualidades.

Foi perceptível o envolvimento dos mesmos com as aulas de Sociologia e também com a poesia. Voluntariamente os estudantes perguntavam sobre o tema, mesmo fora dos momentos das aulas.

Verificou-se, por conseguinte, que a proposta de Imaginação Sociológica, por meio da transposição didática e do uso da Sociologia da arte com a ‘poesia marginal’, conseguiu se materializar nas ações dos estudantes, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, p. 11-40, 1996.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BECKER, Howard S. As Convenções. In: **Mundos da Arte**. Lisboa: Livros Horizonte, p. 58-79, 2010.

BODART, Cristiano das Neves. O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia. **Café com Sociologia**, v.1, ano 1, ed. 1. Nov. 2012.

CANDIDO, A. “Crítica e sociologia (tentativa de esclarecimento)” e “A literatura e a vida social” In: **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CARVALHO, Walter; JARDIM, João. **Janela da Alma**. Documentário, 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4F87sHz6y4s&t=239s>> Acesso em: 27 julho 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura Visual e Infância. In: **31 Reunião da ANPED**, out. Caxambu (MG), 2008.

DUARTE, Rodrigo. **A Arte**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FREIRE, Wilson. **Miró: Preto, Pobre, Poeta e Periférico**. Documentário, 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pncOPNB2qjc>> Acesso em: 18 abril 2016.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e Anseios Críticos**. Pólo Editorial do Paraná, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Editora Nacional, 1970.

MARTINS, Raimundo; LODDI, Laila. **A cultura visual como espaço de encontro entre construtor e pesquisador bricoleur**. Disponível em: http://coral.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/A%20cultura%20Visual.pdf. Acesso em: 2/9/2016.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola – Uma questão pública**. Tradução Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MELLO, Guiomar Namó de. **Transposição Didática, Interdisciplinaridade e Contextualização**. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llesp/A_a_H/didatica_I/aula_03-0021/imagens/01/transposicao_didatica_interdisciplinaridade_contextualizacao.pdf> Acesso em: 17 abril 2015.

MILLS, C. Wright. A Promessa. In: **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, p. 9-32, 2007.

MIRÓ (Pseudo). SILVA, João Flávio Cordeiro. **Miró até agora**. Recife: Interpoética. 2013.
OLIVEIRA, Natália Braga de. **A Imaginação Sociológica em Sala de Aula**. Disponível em: <https://rse.s3.amazonaws.com/uploads/document/file/162/A_Imaginacao_Sociologica.pdf> Acesso em 27 agosto 2016.

O que é bricolagem? Disponível em: <<http://www.significados.com.br/bricolagem/>> Acesso em: 10 agosto 2016.

SCHLEMMER, Eliane. 2005. “A aprendizagem com o uso das tecnologias digitais”. **Série-Estudos**. UCDB. 19: 103-126.

SOUZA, Jessé; GRILLO, André et AL. (colaboradores). **A ralé brasileira – quem é e como vive**. Coleção: **Humanitas**. Editora: UFMG, 2009.

_____. O processo de modernização periférica e a constituição de uma “ralé” estrutural. In: **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 153-163.

ABSTRACT

This article aims to show the pedagogical potential of the use of 'marginal poetry' in Sociology classes. The urban chronicler Miró da Muribeca was chosen to support this work. His poetry, considered by critics as 'marginal poetry', approaches sociological themes and concepts in addition to everyday experiences common to students' habitus. The use of this type of poetry in the classes of Sociology functioned as a didactic tool that enabled the students to hatch from a greater taste by the classes associated to a greater understanding of the contents approached through the partnership between the school and the Institutional Program of Initiation to Teaching Scholarships (PIBID) of CAPES/CNPq. It is possible to develop in this specific case, these activities and bring the teachers in formation from day to day of the school, allowing a connection between the University and school.

Keywords: Sociology. Poetry. Teaching. School. Imagination.

Recebido em 03.11.2016

Aprovado em 11.01.2017